

Isabel Capeloa Gil

Discurso Dia da Universidade 2025

O saber como Esperança

Sua Excelência, Sr Ministro da Educação, Ciência e Inovação, Prof Fernando Alexandre
Sua Eminência Reverendíssima, Magno Chanceler da UCP, D. Rui Valério;
Excelência Reverendíssima, D. Ivo Scapolo, Núncio Apostólico,
Sr. Presidente do Supremo Tribunal Administrativo,
Srs Bispos,
Sr. Presidente Ramalho Eanes,
Srs Embaixadores,
Sr Presidente do CRUP, Srs Reitores e Vice-Reitores de Universidades Portuguesas e estrangeiras,
Sr. Comandante do IUM,
Antigos Reitores da UCP,
Srs. Vice-Reitores, srs. Pró-Reitores, senhora Administradora,
Srs Presidentes de Fundações,
Senhores Membros do Conselho Superior,
Senhores Diretores de Faculdades, Institutos e centros de investigação,
Sra Presidente da Sociedade Científica da UCP,
Senhores Professores,
Srs Presidentes das Associações de Estudantes,
Caros estudantes e colaboradores da UCP,
Novos Doutores Honoris Causa, Sr. Eng. Ilídio Pinho,
Sr. Engenheiro Vasco de Mello,
Novos Doutores pela UCP
Benfeitores e *alumni*,
Demais autoridades religiosas, civis e militares,
Distintos convidados, caros amigos e caras amigas,

Conta Hesíodo que dentro da Caixa de Pandora, após todos os males do mundo terem sido libertados, ficou apenas a esperança. Na constelação do mito grego podemos ler a esperança como manifestação radical de possibilidade que permanece e é condição da existência humana,

pois esta não existe no paraíso da inocência, mas numa realidade histórica permeada de conflito, violência e contradição. Constitui na verdade uma espécie de alavanca que permite a sobrevivência, a resiliência face à realidade do mundo. Na longa tradição da cultura humana, a esperança tem sido conotada com a virtude, pelo cristianismo, com o desejo e, em última análise, também tem sido vista como uma fantasia que sugere uma realização que é continuamente adiada. Constitui, afinal, a antecipação de um propósito que incute no indivíduo a capacidade de aspirar.

No ano em que escolhemos como tema do dia da universidade ‘O Saber como esperança’, salientando a ligação com o tema do jubileu de 2025, ‘Peregrinos da Esperança’, celebramos também 50 anos morte de Hannah Arendt, a filósofa que alguns estudiosos consideram não acreditar na esperança, num mundo de ruínas e catástrofe (Samantha Rose Hill, 2021). Trata-se de uma leitura redutora de Arendt e que assenta numa igualmente redutora ideia de esperança. Porque na verdade, a ideia de esperança está presente no pensamento de Arendt desde a sua obra inicial, a tese de doutoramento sobre o conceito de amor em Santo Agostinho, orientada por Martin Heidegger e Karl Jaspers, que lê o amor como um programa de ação. Na sua obra tardia, *A Condição Humana*, Arendt propõe uma relação com o mundo concentrada na proposição de *amor mundi*, isto é um gesto de empenhamento que está intimamente associado à necessidade de refletir criticamente, de encontrar uma posição de observação que permita discernir a realidade, analisá-la e assim encontrar instrumentos para agir, transformar e melhorar o observado. *Amor mundi* significa portanto um gesto de reconciliação com uma realidade que também é violenta, abusiva. Para o relacionamento ou diálogo com ela ser possível, é necessário encontrar o espaço do pensamento crítico. Este é na verdade, para Arendt, o maior perigo. ‘Não há ideias perigosas, porque o próprio ato de pensar é uma tarefa perigosa’, diria na sua última entrevista televisiva. Nos seus ensaios iniciais dos anos 30 e 40, e face à repressão nacional-socialista, vê o medo e a esperança como os dois postulados que estruturam e determinam a ação. Para a filósofa, a esperança não é uma ideia abstrata, irreal, ou uma acusação aos seus concidadãos presos pelo terror nazi e incapazes de resistir – uma das grandes críticas que se faz à sua obra sobretudo à análise do julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém. Pelo contrário, como a sua obra demonstra, a esperança só faz sentido se for performativa, se impelir, justificar e promover a ação. Foi justamente uma esperança performativa que alimentou a sua estada de 3 meses em Lisboa, em 1941, onde habitou na Rua da Sociedade Farmacêutica, por detrás do Hospital de Santa Marta, enquanto aguardava a passagem para os Estados Unidos. Lisboa figura aliás repetidamente na sua correspondência como a cidade da esperança, o porto

da esperança como foi chamada por muitos dos refugiados do terror nazi, que aqui encontraram abrigo.

Contra toda a expectativa, a esperança não desiluiu Arendt, foi aliás o que impeliu e determinou a ação. Ora é justamente esta dimensão performativa da esperança que está patente na visão cristã. São Paulo na Carta aos Romanos anuncia que a esperança não desilude, porque tem uma dimensão salvífica e transformadora. E é também enquanto programa de ação que o Jubileu nos convoca, quais peregrinos da esperança, a agir, e a ter uma consciência crítica sobre as dissonâncias e fragilidades do mundo, que vão desde a pobreza, à migração, guerra, mudança climática, desigualdade. Neste universo contraditório, a universidade é a defensora da esperança. Fazemo-lo cultivando o risco do pensamento e fazendo com que as ideias legitimem ações, que tragam inovação, materializando-se em realidades, instituições, serviços e produtos, que efetivamente transformem o mundo.

Na universidade, cultora do saber, a esperança fundamenta um impulso académico ativista que assenta na confiança de que as coisas podem mesmo mudar. Nas salas de aula, nos laboratórios e nas bibliotecas, mais do que ideias: cultivamos esperança. A esperança de um futuro mais justo, sustentável e inclusivo. Cada nova descoberta, cada reflexão e cada lição aprendida são passos em direção a um mundo que desejamos melhor. Tal implica conceber o saber aqui produzido além da lógica tecnocrática que instrumentaliza, colocando-o ao serviço da emancipação da pessoa. Exige-se assim conceber o saber como esperança de superação individual, de transformação societal, e como estratégia de combate às profundas desigualdades do nosso tempo.

Nas sociedades modernas confunde-se com frequência conhecimento com sabedoria. O conhecimento com a sua lógica cumulativa e transacional ajuda-nos a entender o mundo, a resolver desafios, a melhorar a condição humana e do planeta. A sabedoria, por sua vez, ensina-nos a ser pessoas. A universidade é uma instituição peregrina, em caminho, onde a busca do conhecimento se entretetece com a formação ética e a curiosidade se alia à procura do sentido último das coisas. A Universidade Católica procura através do conhecimento desenvolver a sabedoria, orientando gerações para construir sonhos e transformar realidades. Podemos assim cultivar a possibilidade de aspirar, sem esquecer que o saber é também caminho para uma nova transcendência, inspirando-nos a nunca desistir de buscar o que é verdadeiro, ético e justo. Afinal, apesar de todas as tribulações, a esperança nunca desilude e dá objetivo à experiência humana.

Criada em 1967 e reconhecida pelo Estado Português como instituição universitária livre, e de utilidade pública, a Universidade Católica Portuguesa tem ao longo dos seus 58 anos de

existência contribuído de forma marcante para a capacitação do país, nas suas quatro localizações em Lisboa, Porto, Braga e Viseu. Com forte sentido de missão e serviço, não abdicamos de acreditar em Portugal e na importância de combater o imobilismo e a complacência. Não estamos feitos para criar consenso, mas para promover o risco perigoso do pensamento autónomo, o que nos colocou desde a fundação, e com orgulho, no lugar da suspeita. Dizia o Presidente do Conselho na altura da fundação que não queria uma nova universidade, ainda mais católica, fora do abraço da Educação nacional. Acreditámos sempre que um sistema de ensino/educação forte exige diversidade, espaço para a diferença, o que nem sempre é compreendido face ao sufocante estatismo de que o país sofre há séculos. E isso leva a incompreensões, como o facto de num país com uma crise evidente no sistema de saúde se continuar a fazer um condicionamento injustificado do número de admissões ao Mestrado Integrado de Medicina da UCP, apenas porque, sim. A UCP criou a custo 0 para o país, apenas a expensas das famílias, um curso de Medicina de excelência. Dá anualmente mais de 5M de Euros em bolsas de mérito e sociais, tem um programa de apoio estratégico a estudantes refugiados e carenciados, o Fundo Papa Francisco. Servimos Portugal no ensino, na ciência que produzimos, no serviço à sociedade. E apesar de tudo isto, recorro a famosa frase de Vieira, “Se servistes a pátria que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, e ela o que costuma.”

No ano transato, continuámos a inovar com a criação da Licenciatura transversal em Liberal Sciences (Ciências e Sociedade); com o novo Doutoramento em Ecologia Integral e no quadro da inovação pedagógica fomos agraciados com o Prémio Uniservitate para Aprendizagem em Serviço. Aplicamos à organização o mesmo modelo de ambição que move o projeto de ensino e investigação. Temos, por isso, em curso um grande projeto de transformação organizacional, o Projeto Athena, estamos a renovar o nosso sistema de gestão académica gerando uma pool de dados mais robustos para acompanhamento da jornada do aluno e em geral continuamos o ambicioso projeto de transformação digital, Católica Digital, contando já com a utilização de instrumentos de Inteligência Artificial. Ao mesmo tempo, desenvolvemos o Sistema Integrado de Saúde Mental da UCP (UCP2Mental Health), e estamos a terminar a aferição do Plano de Desenvolvimento Estratégico 2020-2025. Em matéria de ciência, estivemos acima da média nacional em todos os processos competitivos liderados pela FCT no último ano, 2,4% acima da taxa nacional na 6ª Edição do Concurso de Estímulo ao Emprego Científico; 2% acima no concurso a Projetos Exploratórios FCT, 4% na taxa de aprovação FCT Tenure, com uma taxa de aprovação de 19% no último concurso para projetos de investigação em todos os domínios científicos face a uma taxa nacional média de 8,5%. 2024 foi igualmente o ano em que atraímos duas ERA Chairs e temos em curso um ambicioso programa de capacitação das

unidades de investigação. Por eficiência formativa, ou necessidade individual, saliento igualmente que no ano de 2023/24 o número de doutoramentos concluídos aumentou 62% face ao ano transato, com um total de 97 novos doutores, que hoje enfaticamente saúdo. E crescemos em alunos internacionais, para quem Portugal tem um sistema de educação superior de grande qualidade e que são uma grande oportunidade para as nossas universidades, mas cuja presença no sistema não deve ser paga pelos contribuintes portugueses.

Esperança e ambição, portanto, é também o que justifica a outorga dos dois graus Honoris Causa que hoje terá lugar nesta cerimónia. O grau de Doutor Honoris Causa é atribuído pela Universidade nos termos do art 65 dos seus Estatutos a personalidades que ‘hajam contribuído de modo eminente para o progresso das ciências das letras ou das artes e às que hajam bem merecido da Igreja, do País ou da Humanidade.’ Atribuímos hoje o grau de Doutor Honoris Causa a duas personalidades incontornáveis da vida empresarial portuguesa.

O Eng. Vasco Maria Guimarães José de Mello é Presidente do Conselho de Administração do Grupo José de Mello e uma figura emblemática do mundo empresarial português, cujo dinamismo e visão estratégica têm sido fundamentais para o crescimento e modernização da economia nacional. Como líder do Grupo José de Mello, tem sabido honrar e expandir o legado de uma das mais influentes dinastias empresariais de Portugal, promovendo a inovação, a sustentabilidade e a criação de valor em setores essenciais como a saúde, as infraestruturas e a indústria. O Grupo José de Mello tem desempenhado um papel crucial no desenvolvimento do país, impulsionando a competitividade e reforçando a presença de Portugal no panorama empresarial internacional. O grupo e a família têm um profundo compromisso com a responsabilidade social, um princípio enraizado desde a sua origem, inspirado nos valores cristãos e na defesa da dignidade da pessoa. Desde os tempos da CUF (Companhia União Fabril), a família de empreendedores tem vindo a implementar um modelo empresarial inovador e socialmente responsável, promovendo condições de trabalho dignas, educação e apoio social para os colaboradores e as suas famílias.

Esse espírito visionário tem estado sempre presente na ação do Eng. Vasco de Mello, um forte investimento na inovação e sustentabilidade, apostando em setores estratégicos. Além disso, através da Fundação Amélia de Mello, o grupo apoia iniciativas sociais, culturais e educativas, reforçando o seu impacto positivo na sociedade. É justamente nesta lógica de garantia de um futuro de qualidade para Portugal, que lhe agradeço o apoio dado à UCP e que há décadas tem contribuído fortemente para a capacitação de gestores e investigadores, cientistas políticos e gestores de cultura.

Com uma postura sempre discreta, o Eng Vasco de Mello tem estado sempre presente quando o país pede, em iniciativas ligadas à transformação da economia portuguesa. A sua é uma atitude de serviço. A aposta no desenvolvimento de novas soluções empresariais, mas também na forma como equilibra crescimento económico e compromisso social, assegura que o seu legado de excelência continuará a beneficiar Portugal e as gerações futuras.

O Eng. Ilídio Pinho é um ‘caçador de sonhos’. A expressão é retirada de um dos múltiplos perfis de homenagem que lhe são dedicados e define bem a personalidade que temos perante nós. Nascido a 19 de dezembro de 1938, em Vale de Cambra, Ilídio da Costa Leite de Pinho é uma figura proeminente no panorama empresarial e filantrópico português. Em 1964, fundou a COLEP Portugal - Embalagens, Produtos, Enchimentos e Equipamentos, S.A., que se tornou a maior empresa europeia no seu setor. A sua visão estratégica levou-o a diversificar os investimentos em áreas como banca, seguros, energia, agroalimentar e metalurgia. Em 1990, criou a Fundação Ilídio Pinho, em memória do seu filho Ilídio Pedro, com o objetivo de promover a ciência e a tecnologia ao serviço da humanidade. A fundação destaca-se pelo apoio à arte e cultura portuguesas, possuindo uma notável coleção de arte contemporânea nacional e promovendo iniciativas como o programa "Ciência na Escola", que visa despertar o interesse dos jovens pela ciência e recentemente atribuindo o Grande Prémio da Fundação, que celebra personalidades que se destacaram no seu contributo para Portugal, como o Cardeal José Tolentino de Mendonça, o Arq. Siza Vieira e o sr. Presidente Ramalho Eanes. Ao longo da sua carreira, Ilídio Pinho foi agraciado com muitas e diversas distinções, incluindo o Grau de Comendador da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial, a Grã-Cruz da Ordem do Mérito e a Medalha de Mérito Cultural pelo Estado Português.

Na UCP, foi agraciado com a Medalha de Ouro da Universidade em 2002 pelo seu contributo para o desenvolvimento da nossa instituição e sobretudo do Centro Regional do Porto, onde dá nome ao grande auditório. O Engenheiro Ilídio Pinho é uma referência incontestável no empreendedorismo português, um visionário cuja dedicação à inovação e ao desenvolvimento tecnológico tem marcado profundamente a sociedade. O seu compromisso com a educação, a ciência e a responsabilidade social reflete não apenas sua capacidade de liderança, mas também seu desejo genuíno de contribuir para um futuro mais próspero e sustentável. O título de *Honoris Causa* é um reconhecimento merecido da sua trajetória exemplar, que inspira gerações a transformar conhecimento em progresso.

A UCP entrega hoje também as cartas doutorais a 38 dos 97 novos doutores em 23/24. Este é um momento de grande orgulho, não apenas para os graduados, mas também para as suas famílias e para a instituição que os formou com rigor, ética e visão global. Cada um de vós

carrega consigo não só o mérito acadêmico, mas também a responsabilidade de aplicar o saber em benefício da sociedade. Que este seja o início de uma grande jornada de impacto e realização, honrando os valores da Universidade Católica e contribuindo para um mundo mais justo e sustentável. Muitos parabéns.

Termino, regressando ao tópico do saber como esperança. No livro do Jubileu, o Papa Francisco não apenas sublinha a dimensão performativa da esperança, que é ação, mas também o seu ethos comunitário. O sujeito da esperança é um nós (F, 24). Hannah Arendt, por sua vez, preocupava-se na sua discussão da realidade do pós-guerra com uma tendência para olhar a liberdade como libertarismo e com o erro de acreditar que se podia viver uma vida autenticamente livre na ausência da interação com os outros. Numa nota para uma lição em Berkeley em 1955 escreveu: “The danger lies in becoming a true inhabitant of the desert and feeling at home in it.” (PP, 202), o perigo era na verdade que se perdesse a capacidade de ver que o que tinha corrido muito mal nas décadas anteriores não era a liberdade e a existência individuais, mas a nossa existência plural, na sua interação constante com os outros. O problema não és tu, dizia, somos nós. É esta aliás a base da política.

O papel da universidade na promoção de uma esperança ativa é também político, na medida em que é interrelacional, e tem uma missão profundamente comunitária. O nosso papel ao colocar questões, e ao propor soluções, é o de contribuir de forma determinada para que a nossa existência plural na casa comum que habitamos seja orientada para um florescimento individual que engrandece o todo e não um egoísmo que isola, polariza e destrói.

Parabéns a todos os que hoje recebem cartas doutorais, aos funcionários com tantas décadas de empenho na nossa universidade e um agradecimento especial aos docentes e investigadores das faculdades, institutos e centros de investigação da UCP por diariamente serem agentes de esperança.

Bem hajam.